

Allen e o Mito do "Consenso" - Uma Cronologia dos Acontecimentos

"*Quid est veritas?*" ("O que é a verdade?"), ouvimos Pilatos perguntar a Nosso Senhor na Paixão segundo São João, lida na última sexta-feira. Talvez eu não possa dar uma resposta a essa pergunta (uma resposta que encontrarão em seu Catecismo), mas costuma não ser difícil enxergar **aquilo que NÃO é verdade**. Examinemos, **por exemplo, o relato central da conversa que John Allen relata que teve com dois "oficiais do Vaticano"** (um termo capaz de englobar milhares de pessoas ao redor do mundo) acerca da **presumida "liberalização" da Missa Tradicional**:

"Sempre que houve reuniões sobre essa questão entre os cardeais, não é somente que houve divisão", disse ele. "A maioria esmagadora é contra [a permissão universal para celebrar o rito antigo]. Não é como se fosse meio a meio." ... "Mas Bento está tentando operar com base no consenso, e simplesmente não existe consenso", disse ele. Outro antigo oficial do Vaticano [senior Vatican official] disse simplesmente: "Não é um tema que já esteja amadurecido."

Qualquer um que já tenha ficado encarregado de qualquer operação com dois ou mais subordinados sabe que é ótimo trabalhar com consenso -- se possível, com nenhum dissentimento. **Podemos ter absoluta certeza de que a coisa que Bento mais desejaria seria não ter nenhuma oposição no que quer que ele almejasse fazer**. Contudo, **Bento sabe que essa operação perfeita não existe, e que certamente não se encontra no Vaticano**. Nenhum oficial do Vaticano sabe realmente o que Bento fará, pois ele vai fazer aquilo que ele estiver disposto a fazer (e Allen admite isso ao escrever sua ressalva), **sem nenhuma necessidade de consenso** -- ainda que muito poucos sejam capazes de saber quais são os planos dele.

As muitas reuniões dele acerca dos mesmos assuntos **não são para obter consenso**, do qual ele não precisa para tomar qualquer medida, mas sim para guiar o maquinário do Vaticano a fazer aquilo que ele tiver planejado fazer, **particularmente nos casos em que não há nenhum consenso**: a **necessidade de reuniões é reduzida enormemente** quando a **questão envolvida é objeto de um consenso majoritário entre os membros de uma organização**, e isso é verdadeiro para qualquer organização, de qualquer tamanho .

Então, permitam-me desfazer esse mito do consenso recordando a cronologia de **acontecimentos algo verificável com relação à Missa Tradicional e à reconciliação com a Fraternidade de São Pio X nos últimos 12 meses**. Eu sei que alguns consideram o processo de reconciliação com a SSPX e o reconhecimento da Liturgia Romana Tradicional (ou Missa Tradicional em Latim) **como questões separadas**, mas **isso só é verdadeiro em sentido "estrutural"** : **ambas as questões estão quase completamente interligadas no plano**

lógico.

Eis a cronologia:

Maio-julho de 2005: em algum momento durante esse período, por instigação do Papa, certos dicastérios foram requisitados a apresentar suas opiniões acerca de questões relacionadas com "a Questão Tradicionalista", incluindo a condição presente da Missa Tradicional.

29 de agosto de 2005: Reunião do Papa com Dom Fellay e o Pe. Schmidberger; também presentes estavam o Cardeal Castrillón Hoyos e o secretário do Papa.

Setembro-outubro de 2005: em algum momento durante esse período, um memorando interno preparado pelo Secretário da Congregação para o Culto Divino, **Arcebispo Domenico Sorrentino**, foi assinado por ele e pelo Prefeito, o Cardeal Arinze, e enviado a alguns dicastérios. **Não se sabe se o Papa ficou ciente desse memorando (o "Memorando Sorrentino") imediatamente em seguida.**

Outubro de 2005 : 11ª Assembléia Geral do Sínodo dos Bispos. O tema do Sínodo era a Eucaristia, o que fez dele o primeiro encontro de Bispos do mundo todo para discutir a Santa Missa desde a Segunda Sessão do Vaticano II, que aprovou a *Sacrosanctum Concilium*.

-13 de outubro: Numa **entrevista** a muitos jornalistas, o Prefeito da Congregação para o Culto Divino, **Cardeal Arinze, afirma que o Missal "Tridentino" " não é uma prioridade, visto que ninguém falou dele".**

-15 de outubro: O Cardeal Castrillón fala na aula do Sínodo sobre a possibilidade de utilização universal da Missa Tradicional. Silêncio quase absoluto como resposta à **intervenção** dele (notícia do *National Catholic Reporter*).

-20 de outubro: As proposições feitas pelos Padres Sinodais são tornadas públicas, num primeiro vazamento à imprensa, **sem nenhuma menção à Missa Tradicional.**

E com isso interrompo essa primeira parte da cronologia dos acontecimentos. Deixem-me enfatizar: **NÃO HOUVE NENHUM CONSENSO POR MAIS MÍNIMO QUE FOSSE** em favor do Missal Tradicional. Na verdade, **houve um claro consenso, entre os representantes das conferências episcopais, respaldado pelo silêncio da maioria dos Padres Sinodais da**

Cúria, CONTRA QUALQUER concessão aos tradicionalistas.

Então, se Bento queria resolver "a Questão Tradicionalista" por meio de algum tipo de "consenso", toda essa questão obviamente já estaria morta e enterrada em outubro de 2005. O "oficial do Vaticano" entrevistado por Allen está absolutamente certo: não se trata de "meio a meio" ; não se trata nem mesmo de 95% contra vs. 5% a favor dos tradicionalistas... É pior do que isso.

Vejamos agora **Bento trabalhar contra o consenso esmagador**, na segunda parte dessa cronologia dos acontecimentos.

-22 de outubro: Na véspera do encerramento do Sínodo, o **secreto "Memorando Sorrentino"**, com a conclusão de que a Liturgia Tradicional **"foi abolida"**, é tornado público pelo vaticanista **Andrea Tornielli em Il Giornale**.

15 de novembro de 2005: reunião de 5 horas de duração do Cardeal Castrillón com Dom Fellay e o Pe. Schmidberger (alguns relatos mencionam que a reunião estendeu-se até 16 de novembro).

19 de novembro de 2005: O **Bollettino** surpreendentemente publica a **demissão do único secretário de Dicastério removido no primeiro ano do Pontificado**. **Domenico Sorrentino**, autor do **"Memorando Sorrentino"** sobre a **"abolição"** da Missa Tradicional, é **promovido a Assis**.

10 de dezembro de 2005: o **Arcebispo Albert Ranjith P. Don**, conhecido **proponente de uma "reforma da reforma"** e simpático às reivindicações tradicionalistas, é trazido da Nunciatura em Jacarta para o **Secretariado da Congregação para o Culto Divino**.

Dezembro de 2005-janeiro de 2006: Os dicastérios são informados de que os estudos e propostas com respeito às questões tradicionalistas serão discutidos num encontro no começo de fevereiro entre os chefes dos Dicastérios.

13 de fevereiro de 2006: Primeiro encontro do Papa com os chefes dos Dicastérios durante o Pontificado. O único tema foi a "Questão Tradicionalista", tanto em termos de lei litúrgica como de possíveis estruturas canônicas. O Papa dirige a discussão, mas principalmente escuta, pedindo ainda que propostas específicas sejam apresentadas num encontro em 23 de março (o consistório ainda não havia sido anunciado) e também num encontro no começo de abril. .

23 de março de 2006: Encontro pré-consistorial com o Colégio dos Cardeais. **As principais questões do dia foram "a Questão do Arcebispo Lefebvre e a reforma litúrgica desejada pelo Concílio Vaticano Segundo"** . Sabe-se que, assim como

aconteceu durante o Sínodo, **a maioria dos cardeais que intervieram foram contra qualquer abertura aos tradicionalistas**, embora, diante da óbvia disposição do Papa em discutir essa questão, muitos cederam em alguns aspectos. No fim, o sentimento geral era de que o Papa queria tão-somente uma "via libera", uma autorização [*a go-ahead* = um "vá em frente"], que ele em alguma medida conseguiu.

30 de março: a **ACI** (versão espanhola da *Catholic News Agency*) **é a primeira agência de notícias a mencionar uma possível "liberalização" do Missal Tradicional.**

6 de abril de 2006: Noticiando de Lourdes, o jornal semi-oficial da Igreja Católica na França **La Croix** **é a primeira fonte respeitável a mencionar as palavras "Motu Proprio" com relação ao documento de "liberalização" do Missal.**

7 de abril de 2006:

-Em Roma: a segunda reunião dos chefes dos dicastérios com o Papa. **É importante mencionar que nem uma única palavra dessa reunião foi dada a conhecer**. Esperava-se que o Papa falasse mais e escutasse menos. **Ignora-se o que quer que tenha sido debatido ou decidido nessa ocasião.**

-Em Lourdes: a Assembléia Geral da **Conferência Episcopal Francesa (CEF)** publicou suas conclusões finais. Quanto à "Questão Tradicionalista", os bispos reconhecem que o Papa "**preocupa-se com ela**" e que "**nas semanas ou meses seguintes, [o Papa] deverá apresentar as diretrizes para facilitar o caminho rumo a um possível retorno à plena comunhão**". Os bispos, **com pouca sutileza, atacam a aparente disposição papal de conceder algum tipo de estrutura canônica.**

Portanto, não se trata de nenhuma "febre da blogosfera" [como quer Allen]... É óbvio que, aquilo que ele quer fazer, o Papa Bento quer fazê-lo de modo suave[smooth]. Mas não se pode simplesmente dizer que ele quer "consenso" e descartar tudo que está relacionado à questão só porque um "oficial do Vaticano" disse: " não há consenso". O Papa já tem o consenso que buscava: um consenso quase unânime dos representantes de todos os bispos do mundo, reunidos no Sínodo dos Bispos, de que "a Questão Tradicionalista" era irrelevante para eles; e eles eram claramente CONTRA qualquer concessão. Esse "consenso" não evitou os progressos dos meses subsequentes.

O mito do consenso faz ainda menos sentido quando recordamos quem é o Papa Bento: ele não é um Cardeal com pouca experiência da Cúria, vindo da Cracóvia. **Ele é o homem que melhor conhece a Cúria; ele SABE das opiniões de todos os chefes dos dicastérios e de todos os cardeais acerca das questões que ele queria debater. Se ele estivesse buscando consenso, ele jamais teria posto essa questão delicada em discussão para começo de conversa.**

É óbvio que **ALGUMA COISA** vai acontecer, embora não saibamos o que: os próprios bispos franceses escreveram o primeiro documento oficial a admitir que acontecerá alguma coisa (ou algumas coisas...) "*nas próximas semanas ou meses*". Uma coisa é certa: o Papa fará aquilo que ele julgar justo, independentemente da falta de "consenso". O consenso que ele deseja mostrar é para que se saiba que aquilo que ele fizer terá sido feito com pleno conhecimento seu das posições tomadas pelos bispos no Sínodo de outubro, pelos chefes dos Dicastérios Romanos e pelos membros do Colégio dos Cardeais.

E quanto ao Allen? Allen é um sujeito decente [*a fine fellow*], mas ele é mais um *fazedor* de notícias que um **compilador de notícias**, na melhor "tradição" dos repórteres contemporâneos da Igreja norte-americana, como Robert Blair Kaiser. **Ele e as fontes dele querem influenciar os acontecimentos ou alterar o modo como as decisões futuras são percebidas e interpretadas, e é assim que as palavras dele devem ser lidas.**